

ADOLESCENTES, AUTOESTIMA E O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM¹

Ana Flávia CAMPEIZ²
Ailton de Souza ARAGÃO³

711

RESUMO: O Projeto de Extensão “Rede de Atenção à Saúde da Criança e do Adolescente: Promoção de Direitos e Prevenção da Violência no Ambiente Educacional e Comunitário” desenvolveu-se numa escola da rede pública em Uberaba, Minas Gerais, Brasil, situada num bairro com altos indicadores de vulnerabilidade social. O objetivo foi contribuir na promoção dos direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente como estratégia no enfrentamento das expressões da violência no ambiente escolar e compreender as causas da infrequência escolar. Os métodos utilizados foram as dinâmicas de grupo; confecção de desenhos temáticos, relatos autobiográficos e rodas de conversa, orientados pela reflexão teórica prévia dos extensionistas. O Projeto foi desenvolvido por 7 universitários de vários cursos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro e participaram 10 alunos de 7^a e 8^a séries, em 2010. Dentre as temáticas suscitadas a Autoestima avaliou a perspectiva dos alunos sobre a vida escolar, como sujeito de direitos, e a auto-aceitação enquanto ser humano. A reduzida motivação em frequentar a escola foi reconhecida na baixa autoestima, causada pelas violências moral, verbal e psicológica sofrida por colegas e professores; a intolerância à diversidade (sexual e física) e a invisibilidade social. Reconheceu-se a urgência de integrar o corpo técnico-administrativo e os docentes às atividades e temáticas cotidianas com dos adolescentes. Estratégia que permite ampliar a análise das causas da ruptura aluno-escola ao compreender os alunos não como problema em si mesmo, reconhecendo a importância da construção de um auto-conceito positivo com vista a ampliar sua capacidade de aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Autoestima. Direitos. Educação.

Introdução

Uma entre as definições da Psicologia acerca do processo de aprendizagem é que está relacionado “às novas formas com o mundo que nos cerca e com nós mesmos” (MOREIRA; MEDEIROS, 2007, p.141), esta definição visa expressar a compreensão da interação na tríade indivíduo-aprendizagem-ambiente.

Enfim, nascemos com alguma preparação para nos relacionarmos com o mundo à nossa volta, mas é ao longo de nossa vida que **aprendemos** a ser quem somos. Aprendemos tanto comportamentos

¹ Financiamento: MEC/SESu/DIFES – PROEXT 2010.

² Graduanda em Psicologia. UFTM - Universidade Federal do Triangulo Mineiro – Graduação em Psicologia. Uberaba – MG – Brasil. 38025-180 - fafacampeiz@hotmail.com

³ UFTM - Universidade Federal do Triangulo Mineiro. Uberaba – MG - Brasil. 38025-180 - as_aragao@hotmail.com

“adequados” (socialmente aceitos), como “inadequados” (socialmente rejeitados); aprendemos comportamentos que facilitam nossa interação com o mundo, bem como comportamentos que a dificultam. (MOREIRA; MEDEIROS, 2007, p.142).

Torna-se, então, crucial para qualquer profissional que lida com o processo “ensino- aprendizagem” entender como os indivíduos aprendem, bem como, fatores que podem interferir neste processo e assim, criar técnicas efetivas de intervenção que possam aprimorar esse processo.

Sob outra perspectiva, a aprendizagem pode ser mais significativa, resultado de autoestima e novas experiências. Britto (1989) em seu texto sobre educação centrada no estudante embasado nas ideias de C. Rogers, diz que o estudioso considera a aprendizagem como mais que simples acumulação de conhecimento e como consequência de relacionamento entre estudante e todo contexto comunitário, não apenas com os professores. [A aprendizagem] “[...] provoca uma modificação não apenas no comportamento das pessoas, mas ainda influi na orientação e escolha de suas ações futuras, ascendendo em todas as etapas de sua existência.” (BRITTO, 1989, p.75).

A concepção moderna da Psicologia considera Autoestima como sentimento. Guilhardi (2002, p.3) alega que “[...] sentimentos são manifestações corporais que ocorre entre a pessoa e seu ambiente físico ou social e que recebem um nome arbitrário, convencionalizado pelo grupo social com que a pessoa vive.” E acrescenta que a criança não nasce com auto-estima, mas que tal sentimento pode ser desenvolvido durante a vida da pessoa.

A autoestima é o produto de contingências de reforço positivo de origem social, segundo Guilhardi (2002). Assim, toda vez que a criança age de determinada maneira e os pais respondem-na com algum agrado (atenção, elogio, carinho) estão reforçando positivamente e a autoestima é aumentada. Se a criança age de maneira específica e os pais a repreendem ou a ignoram, estão usando contingências coercitivas e esta condição diminui a autoestima.

Além da produção de sentimento de autoestima, o reforço positivo, segundo o autor acima citado, fortalece os comportamentos adequados: a criança fica mais criativa e desenvolve comportamentos, como a tomada de iniciativas e, só quando a pessoa aprende a observar seu comportamento e as consequências reforçadoras positivas que ele produz é que a autoestima passa a ser mantida e desenvolvida pela própria pessoa.

Então, a criança não nasce com autoestima, esta se desenvolve durante a vida e depende do conjunto relacional (pais, professores e responsáveis), decorre de relações inter-pessoais, seus comportamentos reforçados por outros para que isso se realize. Estimular a autoestima de uma pessoa é enfatizar nela, na pessoa, e não em suas atitudes, como destaca Guilhardi (2002, p.8):

Assim, é importante salientar **você** na frase que explicita o elogio e não apenas o comportamento: “Você me deixou feliz com seu boletim” é muito melhor que “As notas do seu boletim me deixaram feliz”. [...] Sentindo-se amada pelo outro, ela aprenderá a amar a si mesma e, a partir deste processo de vivência comportamental, vai se diferenciando das outras pessoas e se tornando independente.

Como se nota, com a inserção da pessoa num contexto social aliada à capacidade do meio de prover reforçadores positivos que a autoestima se desenvolve. Seria necessário, portanto, que os professores, funcionários da escola e pais ou responsáveis, atentassem para a criança, priorizassem a ‘pessoa’, pois estão ligados à constituição desta criança, em sua totalidade:

Logo, se o homem se humaniza por meio das relações sociais, sua constituição psíquica necessariamente requer a presença do outro. Nesse sentido, o papel do educador durante o processo do desenvolvimento da criança é imprescindível para a constituição de sua identidade. (SOUZA; PETRONI; BREMBERGER, 2007, p.106).

Aponta-se que a autoestima está presente no processo ensino-aprendizagem e diretamente relacionada com o contexto histórico, social, comunitário, familiar e pessoal. Sob esse olhar, é relevante reconhecermos atualmente a diversidade das configurações familiares, bem como a influência dos meios de comunicação de massa, que oferecem um rol de informações que podem adultizar as crianças e os adolescentes. Pois os pais estariam dedicados ao trabalho para a manutenção da vida doméstica.

Souza, Petroni e Bremberger (2007, p.100-101) acrescentam que este cenário também é caracterizado pelo “[...] distanciamento das crianças do convívio familiar e inserção prematura, e por tempo prolongado, em instituições educacionais.”, incluem ainda, que este processo resulta na “[...] transferência da tarefa de educar às instituições educacionais de natureza diversas.”

É na escola que a criança passa grande parte do dia durante anos, desenvolve relacionamentos, contato com os outros, e que contribui com o processo de seu desenvolvimento físico, cognitivo e emocional (amadurecimento, crises, conflitos). É neste território que a criança adquire – ou também resiste a elas – normas, valores e cultura, e junto com os professores, experiências de interação e afetividade. Ambiente de reciprocidade da autoestima, de pessoas com características e vivências pessoais e únicas, dividindo um contexto social; onde não raramente se nota manifestações de mal-estar: “[...] mal-estar que tem afetado, cotidianamente, as subjetividades dos que ali se encontram. Este mal-estar é decorrente de uma série de mecanismos de ordem política, administrativa, pedagógica, didática, intra e interpessoal, que permeiam o ambiente escolar.” (SOUZA; PETRONI; BREMBERGER, 2007, p.103).

Justifica-se, então, a atuação da Psicologia da Educação como forma de auxílio, estudo e complementação **com** e **para** a Pedagogia. Como afirmam Souza, Petroni e Bremberger (2007, p.105) “[...] é o interesse da Psicologia: as subjetividades que são produzidas nas e pelas relações.” E os mesmos acrescentam que “[...] papel de mediar relações, de oferecer conhecimentos sobre desenvolvimento e aprendizagem [...] orientar professores rumo à autonomia enquanto agentes de formação.” (SOUZA; PETRONI; BREMBERGER, p.109).

Sob esse enfoque a promoção dos direitos de crianças e adolescentes, que no Brasil é conhecido como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990), requer a articulação diversas instituições estatais e da sociedade civil, numa rede intersetorial. Neste contexto, a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) se insere como parceira de instituições educacionais na realização de projetos de extensão que estimulam o protagonismo juvenil, fundamentais na efetivação da cidadania e na valorização dos jovens discentes e dos adolescentes escolares.

O projeto “Rede de Atenção à Saúde da Criança e do Adolescente: Promoção de Direitos e Prevenção da Violência no Ambiente Educacional e Comunitário” teve como cenário a Escola Municipal Prof.^a Geni Chaves, na cidade de Uberaba, Minas Gerais, Brasil, localizada num dos bairros com altos indicadores de vulnerabilidade social.

As atividades foram realizadas, em média, com 10 alunos de 7^a e 8^a séries do Ensino Fundamental que participaram voluntariamente das atividades. E ainda, repercutiu sobre cerca de 150 pessoas, direta e indiretamente, dentre escolares, professores e funcionários e familiares dos adolescentes.

O objetivo do Projeto foi o de contribuir na promoção dos direitos dos adolescentes no enfrentamento das expressões das violências que emergem no ambiente escolar. E, ao mesmo tempo, identificando as causas da infrequência escolar. E ainda, contribuir com o envolvimento dos extensionistas diante das questões sociais em âmbito local, ampliando o escopo do **fazer** profissional em sua multiprofissionalidade.

A equipe de extensão fora composta por 16 alunos de diferentes cursos (Psicologia, Medicina, Enfermagem, Terapia Ocupacional e Serviço Social) e 06 docentes distribuídos em 03 escolas da Rede Municipal de Ensino. Primou-se pelo exercício da reflexão e da proposição de ações multidisciplinares e multiprofissionais.

A metodologia de pesquisa-ação conduziu a experiência, cuja definição dos temas foi proposta pelos adolescentes. Essa metodologia objetiva levantar e estabelecer um diagnóstico da situação dos problemas prioritários e de eventuais ações, favorecendo um modo de apropriação da realidade social pelos sujeitos envolvidos e um meio de transformá-la em direção ao bem coletivo.

Complementarmente às ao diagnóstico junto aos adolescentes, os jovens passaram por um processo de capacitação centrado nos temas referentes ao universo do adolescer: direitos, famílias, territórios de saúde, instituições escolares e violências. E ainda, o exercício de produção de instrumentos e recursos didáticos para o desenvolvimento das oficinas e o direcionamento das reflexões.

Nas oficinas reflexivas realizadas foram discutidos entre os temas: auto-estima; sexo e sexualidade; violência; lazer na comunidade; direitos dos adolescentes; rede de serviços de saúde.

Dentre as temáticas suscitadas, enfatizamos para essa comunicação a autoestima, pois está intimamente relacionada aos demais temas. Esta temática permitiu a avaliação da perspectiva dos alunos acerca da vida escolar; o auto-reconhecimento; a auto-aceitação enquanto ser humano e cidadão nos contextos escolar, familiar e comunitário. No estudo junto aos adolescentes observou-se que alguns tinham pouco prazer em frequentar a escola, reconhecendo na ausência ou na baixa autoestima uma das causas de repulsa ao território escolar.

Alguns temas do adolescer na escola

Os temas relativos à **violência** potencializaram a criação de novas formas de expressão sobre o tema e suas vertentes: violência institucional, intrafamiliar, exploração e abuso sexual. Essas temáticas despertaram os adolescentes para refletirem-

nas no seu cotidiano , seja no espaço doméstico, familiar, comunitário e/ou urbano. Os relatos das experiências, do próprio adolescente, de familiares ou de pessoas próximas que sofreram violências, principalmente casos de abuso sexual, eram frequentes. A expressão facial dos jovens oscilava entre normalidade/naturalidade, mostrando que esta situação era habitual, mesclada com o temor, principalmente das adolescentes. Pois como demonstram muitas pesquisas, são elas as principais vítimas desse tipo de violência (SOUZA; MELLO JORGE, 2004; MINAYO, 2006, 2009; FERRIANI; GARBIN; RIBEIRO, 2004; UDE, 2008; BAZON, 2008).

Os temas acerca dos **direitos** foram subsidiados pelo Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). Os adolescentes se depararam com uma nova perspectiva ante a aplicabilidade do Estatuto e a relevância das organizações de defesa e promoção desses direitos na proteção dos mesmos ante às ameaças e riscos urbanos. Aliado aos casos expostos durante as dinâmicas de grupo, as narrativas revelaram que os direitos dos adolescentes, em geral, eram desrespeitados pela coletividade, inclusive e paradoxalmente, pela própria escola.

Paralelamente a equipe extensionista teve a missão de construir com os/as adolescentes novas estratégias de enfrentamento às violações dos direitos indicando os caminhos a serem percorridos, sobretudo junto à rede de proteção social. Esta compreendida pelo conjunto de organizações locais que acolhem as mais variadas demandas oriundas da violação de direitos de crianças e adolescentes notificadas, por exemplo, ao Conselho Tutelar (NASCIMENTO et al., 2009).

Os debates em torno da **sexualidade humana** privilegiaram abordagens e questionamentos do senso comum referente ao corpo humano e ao desenvolvimento da sexualidade, sobretudo no ciclo de vida do processo de adolecer. O debate favoreceu a minimização dos tabus, preconceitos, dentre as quais as relações homo-afetivas. E ainda, promoveu a autoestima em relação ao próprio corpo, focando na valorização da imagem de si.

Esses debates em torno dos dilemas da sexualidade do adolescente na contemporaneidade promoveram a ampliação e aprofundamento dos conteúdos trazidos pelos escolares do ambiente de sala de aula e de seus respectivos grupos familiares.

A cotidianidade da sexualidade: gravidez, doenças, família, escola... foram temas que permearam a trama em face das transformações psicocorporais relativas à sexualidade e os direitos reprodutivos dos adolescentes.

Para Marcelli e Braconner (2007) o estudante adolescente passa pelo período da vida comumente chamado de Crise da Adolescência quando vários valores, pessoas, papéis e imagem do mundo se modificam; ele tem que lidar com o processo de luto, pela perda do corpo infantil e pela identidade. É freqüente nessa fase ver nesses sujeitos o ego focado no seu corpo, por isso é importante perceber qual a relação do corpo e imagem real e simbólica. A pressão social relativa à ditadura da beleza carrega consigo transtornos alimentares, logo exigem atenção e cuidado. É um conflito sendo vivenciado, o/a adolescente requer a construção de uma nova relação com seu corpo e com seu mundo, dialeticamente compreendido como processo socio-histórico.

Neste ciclo de vida percebe-se um desânimo a quaisquer atividades por parte de alguns adolescentes, bem como revolta ou ânimo e, ainda, interesse por outros adolescentes a essas mesmas atividades. No contato dos jovens com alguns adolescentes, curiosidades sobre o corpo feminino e masculino foram constantes, bem como vários relatos de sentimento de vergonha e constrangimento: é na escola que a maioria dos adolescentes passa parte do dia, e é neste território que se encontra com muitas outras pessoas de mesmo gênero e sexo oposto, as quais também vivenciam a mesma fase da vida, mas que expõe seu conflito como mecanismo de defesa, de forma diferente. Assim, piadas ou risos das roupas íntimas das meninas do tamanho dos seios, da obesidade ou dos cabelos, entre outros exemplos, este encontro muitas vezes pode ser o causador da baixa estima.

Autoestima: reconhecer desafios, estimular potencialidades

O tema da **autoestima** fora trabalhado com a estratégia de dinâmicas de grupo que promoveram:

- a. Expressão e acolhimento da diversidade étnica, sexual e de gênero, pois muitas das formas de violência no interior da escola revelam a intolerância como mote para agressões verbais, físicas, psicológicas, morais e segregação espacial.
- b. Reconhecimento de si e auto-aceitação na perspectiva da construção de identidades e subjetividades do adolescente escolar, imerso nos múltiplos espaços de sociabilidade, pois o auto-reconhecimento do adolescente como ser humano e cidadão de direitos requer a construção de uma imagem prospectiva de si mesmo, calcada no reconhecimento coletivo das suas demandas.

Para tanto, músicas contendo a temática da autoestima aliadas a alguns vídeos e dinâmicas de grupo, proporcionaram a superação de algumas barreiras do universo do

adolescente frente a si mesmo e ao grupo. O uso de pequenos vídeos proporcionou um processo de identificação com personagens e personalidades, em que os jovens viam nos papéis suas características, anseios, medos e sonhos.

Outra dinâmica que enfatizamos e que marcou a discussão sobre o tema, foi a de descrever como seria uma amiga ou uma “pessoa do bem”, a adolescente descreveu como seria essa pessoa, caracterizando-a com uma série de adjetivos positivos tanto morais quanto estéticos. Ao terminar, um jovem extensionista com um chapéu contendo um espelho colado na parte interna pergunta se a pessoa dentro do espelho poderia ser a pessoa descrita e a resposta foi “Não! Muito longe disso.”

Na sequência, munidos de uma folha em branco, os adolescentes representaram a autoestima de cada um. Durante a leitura de situações em que a autoestima era prejudicada (muitas relacionadas à vivência escolar) a folha seria rasgada na proporção que isso prejudicava a autoestima, sob a perspectiva do estudante. Em seguida, os estudantes foram até um mural escrever o que mais sentiam ao viver aquela situação que prejudicava sua autoestima em maior grau. Dentre os sentimentos emergiram: medo, dor; vontade de não sair de casa, de comer, de gritar, etc. Em seguida, foram lidas situações que recuperariam a autoestima dos adolescentes, e assim os pedaços rasgados iriam sendo colados pelos estudantes.

O debate trouxe à tona a relevância do “crer em si mesmo” complementado com os “laços de amizade significativos” enquanto elos de uma corrente que requer o fortalecimento constante, mesmo ante aos muitos contextos de vulnerabilização.

Considerações finais

As intervenções da equipe extensionista no ambiente escolar se defrontaram com um território que, ao mesmo tempo em que segrega também acolhe; que ora violenta ora pacífica; que ora promove direitos ora os viola. Ou seja, na dialética da construção social da autoestima os adolescentes se vêm às voltas com dilemas de várias ordens, para os quais não há uma resposta objetiva, diante da pluralidade dos processos. Assim, situações de violação do direito ao convívio familiar e comunitário (Artigo 19 ao 52, do ECA), por exemplo, aliadas à ausência ou à precariedade das políticas públicas nos territórios urbanos, atravessam os muros da escola e nela violentamente se manifestam.

Ora, considerando a construção social da autoestima, o complexo de determinações sociais da violência irrompe os muros escolares e têm nos adolescentes e profissionais da educação sujeitos de relações complexas, aos quais resta a construção

de uma escola cuja promoção da autoestima reside, também, na efetivação dos direitos previstos no ECA por meio de políticas públicas de longo alcance.

O Projeto demonstrou a urgência do reconhecimento, por parte dos demais sujeitos no espaço escolar, dos adolescentes enquanto sujeitos de direitos, tal como disposto no ECA. Para tanto, uma estratégia que pode ser compreendida como fator de proteção às violências sociais é a integração do corpo técnico-administrativo e dos docentes às atividades e temáticas referente ao cotidiano dos adolescentes. Estratégia que permitiria ampliar a análise das causas da ruptura aluno-escola ao compreender os alunos não como problema em si mesmo, reconhecendo a importância da construção de um auto-conceito positivo com vista a ampliar a mútua capacidade de aprendizagem.

ADOLESCENTS, SELF-ESTEEM AND THE LEARNING-TEACHING PROCESS

ABSTRACT: *The extension project “Rede de Atenção à Saúde da Criança e do Adolescente: Promoção de Direitos e Prevenção da Violência no Ambiente Educacional e Comunitário” was developed in a public school in Uberaba, Minas Gerais, Brazil, located in an area with high indicators of social vulnerability. The objective was to contribute to the rights promotion provided by The Child and Adolescents Statute as an strategy for confronting the violence expressions at school and comprehend the infrequency school causes. The methods used were the group dynamics; thematic drawings making; bibliographic self-reports and conversation groups, oriented by previous theoritical from extensionists. The project was developed by 7 academic students from several courses of Universidade Federal do Triângulo Mineiro and 10 students from 7th and 8th grades, in 2010. Among the theme raised the self-esteem evaluated the students' perspective about school life as direct subjects and the self-acceptance as a human being. The reduced motivation to attend the school was recognized in low self-esteem caused by moral, verbal and psychological violence suffered by schoolmates and teachers; the intolerance diversity (sexual and physical) and the social invisibility. It was recognized the urgency of integrating the technical and administrative staff and the teachers to activities and everyday topics with the adolescents. Strategy which allows enlarge the analysis of the student-school break's causes to understand the students not like a problem itself, recognizing the importance of a positive self-concept construction in order to expand their learning capacity.*

KEY WORDS: *Self-esteem. Rights. Education.*

REFERÊNCIAS

BAZON, M. R. Violências contra crianças e adolescentes: análise de quatro anos de notificações feitas ao Conselho Tutelar na cidade de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.24, n.2, p.323-332, 2008.

BRASIL. Lei no 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 17 julho 1990. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm >. Acesso em: 25 out. 2012.

BRITTO, S. P. **Psicologia da aprendizagem centrada no estudante**. Campinas: Papirus, 1989.

FERRIANI, M. G. C.; GARBIN, L. M.; RIBEIRO, M. A. Caracterização de casos em que crianças e adolescentes foram vítimas de abuso sexual na região sudoeste a cidade de Ribeirão Preto, SP, no ano de 2000. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.17, n.1, p.45-54, 2004.

GUILHARDI, H. J. Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. In: BRANDÃO, M. Z. S. et al. **Tudo (ou quase tudo) que você precisa saber para viver melhor**. Santo André: ESETec Editores Associados, 2002. p.63-98.

MARCELLI, D.; BRACONNIER, A. **Adolescência e psicopatologia**. Porto Alegre: ARTMED, 2007.

MINAYO, M. C. S. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In: NJAINE, K.; ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P. **Impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz; EAD-ENSP, 2009. p.21-42.

_____. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre: ARTMED, 2007.

NASCIMENTO, A. F. et al. Conselhos Tutelares. In: ASSIS, S. et al. **Teoria e prática dos conselhos tutelares e conselhos dos direitos da criança e do adolescente**. Rio de Janeiro: Fiocruz; EAD/ENSP, 2009. p.139-224.

SOUZA, E. R.; MELLO JORGE, M. H. P. Impacto da violência na infância e adolescência brasileiras: magnitude da morbimortalidade. In: LIMA, C. A. et al. **Violência faz mal à saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. p.23-28.

SOUZA, V. L. T. de; PETRONI, A. P.; BREMBERGER, M. E. de F. Psicologia, educação e a sociedade contemporânea: reflexões sob a perspectiva da Psicologia sócio-histórica. **Psicólogo InFormação**, São Paulo, v.11, n.11, p.99-112, jan./dez. 2007.

UDE, W. Enfrentamento da violência sexual infanto-juvenil e construção de redes sociais: produção de indicadores e possibilidades de intervenção. In: CUNHA, E. P.; SILVA, E. M.; GIOVANETTI, M. A. C. **Enfrentamento à violência sexual infanto-juvenil**: expansão do PAIR em Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p.30-60.